Disquisição axiológica

OSWALDO EVANDRO CARNEIRO MARTINS*

"Não há tendência mais perigosa em história do que representar o passado como se fosse um todo racional, ditado por interesses claramente definidos".
(Johan Huisinga, ***O Declínio da Idade Média,*** *Edtora Ulisseia, Lisboa-Rio de Janiero, sd, p 97).*

O estudo dos valores tem sido mistério, hermetismo e escolástica. Entretanto pode-se abrir essa caixa preta, usando seu próprio jargão especioso, ainda que se louve no correntio da vida, *verbi gratia* a maneira como se manuseia uma bisnaga de dentifrício. Há usuários dela que a comprimem a partir do primeiro terço, do médio ou do terminal, cada qual motivado diferentemente. Quem se depara com essas três alternativas faz um julgamento próprio das ações rastreadas e aprova uma dentre elas, aderindo àquela que para si seja a mais correta. Comprimir o tubo de pasta no seu primeiro terço significa imediatismo, inspirando-se na economia de tempo e de espaço para extrair a porção mais próxima da saída; se essa operação incide sobre o segundo trecho, aparenta mais equilíbrio, mas despenderá mais que duplo trabalho correspondente à extensão dos trechos segundo e primeiro; e se o trecho escolhido for o terceiro, o esforço é proporcional ao comprimento dos três. A conduta exteriorizada não se adverte em geral dessas diferenças.

Nova atitude mental que ajuizasse as aludidas condutas verificaria que mais racional delas é a última, pois pode esvaziar o continente de modo progressivo, continuado e regulado, até o fim do consumo; acharia menos lógica a segunda e destituiria

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

finalmente a primeira. O argumento econômico em prol destas duas últimas não perceberia que a primeira, ao percorrer o seu terço, deixará os dois restantes por fazê-lo atribuídos à segunda, os quais são o eqüivalente a todo o comprimento do tubo. E ficará outro tanto a cobrir, correspondente ao terceiro terço, que já implica o primeiro e o segundo.

O esforço por percorrer o primeiro terço fica inexistente no que tange ao segundo e ao terceiro, mas o relativo ao segundo abrange a este e ao primeiro. Quanto ao do terceiro terço , inclui o do segundo e do primeiro. Poupar energia no percurso do tubo é critério que deve contemplar cada um dos três trechos. Se se cumpre o primeiro destes, restam dois; se o segundo, resta o terceiro; e se este, não resta nada. Não é econômico, portanto, começar a atuar diretamente no primeiro terço; já o é fazê-lo à partir do segundo; e finalmente o é mais iniciando pelo terceiro. Espremer, esvaziar e percorrer um terço, exigirá que se faça o mesmo aos trechos que se lhe seguem: ao segundo o primeiro e ao terceiro o segundo e o primeiro. Economicamente entre as três condutas a que mais grava o trabalho é a primeira e a que menos o faz é a terceira. A atitude mental e a conduta exteriorizada atentam nessa relação.

A irracionalidade aflora fartamente, mesmo quando o não deveria. A esse respeito, seja a publicidade turística: a fotografia de uma bela moça a morder um lindo caju vermelho, segurando o mesmo pelo pedúnculo carnoso e suculento, embora a própria natureza indique – higiênica, cômoda e elegantemente – pegar a castanha. Ora, a Axiologia preocupa-se com ser evidentemente educativa e o turismo deve ser uma aplicação axiológica. Existe aí, pois, algo equívoco, anômalo ou insólito.

Valora-se e contravalora-se. Deve-se estar advertido dos contravalores. E é por não atentar suficientemente neles que a linguagem fica obscura, incompreensível ou críptica, velando valores negativos como se positivos fossem. Há doce ou amargo, feio ou bonito, ético ou antiético, *et coetera*. Há que os identificar e conjurar tudo o que se propõe como incognoscível. Se a atitude interroga, admite implicitamente que existe a resposta, configurando uma promessa ou ameaça.

A inteligência, razão ou verdade das coisas e fenômenos, numa concepção heraclítea, comporta duas realidades: a superficial e a profunda. O trabalho – físico e intelectual – aí se aplica, ora sem regras rígidas, ora ergonomicamente, como luta continuada entre atitude mental e conduta exteriorizada. Esta é refletida, porquanto a primeira é o termo – genético, originário e subsistente – de uma estrutura psicologicamente adquirida e consolidada ao longo da filogenia do *homo sapiens*. É certo que as condutas retroagem sobre as atitudes, todavia não lhes alteram em nada a parte primordial mencionada, a que podem acrescer sem substituir ou desfalcar. É mister reconhecer as atitudes como calcadas firme e positivamente no instinto e as condutas como consubstanciadas frouxa e variamente em hábitos sedimentados ou experiências repicadas, posturas vulgares ou gestos contumazes, práticas circunstanciais ou expedientes aleatórios.

As condutas decorrem sempre de disposições vitais, intrínsecas, alicerçadas em substratos fisiopsíquicos. Um exemplo curial disso seria o condicionamento da vaca leiteira pelo vaqueiro. Com o filho arreado, contido e jungido à mãe por uma correia, facilita-se a ordenha manual. Ocorre aí uma duplicidade cognitiva: a reprodução e a substituição da natureza. Primo, mantêm-se teoricamente lactante e lactente vinculados à lactação, e secundo, separam-se os dois praticamente dessa função biológica. Para efeito de análise epistemológica, um caso é conduta e o outro é atitude, respectivamente um é saber e o outro é conhecimento.

A verdade não é se não um resultado obtido ou obtenível, porque ou existe um costume que a oferece ou um caminho que leva a ela. O costume se cumpre e o caminho se devassa. A diferença está tão-somente em quanto custa para chegar ao resultado. Nem sempre é mais produtivo sofisticar.

O homem persegue essências, descobrindo-as uma a uma e ordenando-as consecutivamente no tempo e no espaço. Uma primeira etapa da conduta aqui referida é amarrar à vaca o bezerro; segunda, o descarte dele. Cogita-se realmente é da minimização da mão-de-obra. A práxis leva a novos e mais perfeitos procedimentos, mas é a atitude mental que os busca e perquire a partir da

conduta exteriorizada. As condutas evidenciam a gradualidade da verdade relativa. Mostra-o a passagem da manualidade à mecanização na extração do leite.

Essa atividade profissional se fulcra socialmente em valores, ou seja, no saber – a referida realidade superficial – sem menção a que se adote germinalmente a atitude mental a efetivar-se na conduta exteriorizada, ambas, elos distintos de uma cadeia que demonstra a cognoscibilidade auntropológica, perfectiva e humanizadora do ser.

A cultura percorre essa rota, resultando em valorações. No arrimo ilustrativo da presente disquisição, contenta-se no primeiro estágio ou primeira essência com a reprodução das condições naturais, ou seja, a presença física do vitelo sugador da teta, o qual no segundo estágio é abstraído. Essa mudança de atitude mental aperfeiçoa a conduta exteriorizada, sendo sempre pressuposta e seqüenciadamente realizada. Observe-se que há também os desdobramentos do campo das possibilidades zootécnicas – especialização produtiva, arraçoamento balanceado, ginástica funcional etc. – incrementando atitudinal e comportamentalmente a economia leiteira, que poderá mais elaborar o leite como laticínios, insumos, produtos multifários.

Valorar e pensar são sinônimos imperfeitos, porquanto, respectivamente, o primeiro significa o agir – e o sentir – enquanto o segundo significa o abstrair. Se se ficasse nas atitudes e não transitasse para as condutas, não haveria valores, mas conceitos. Poder-se-ia redargüir que a abstração implica em superar o concreto, o que seria configurar uma ação – e sensação – no pensamento, embora este, em última análise rejeite o particular e empolgue o geral. É de convir que o domínio do valor ou axiológico não transcende a tona da cognição, ao passo que o acometimento lógico penetra, se aprofunda e se reprodunda nela. Respectivamente, um se radica no sujeito e o outro no objeto.

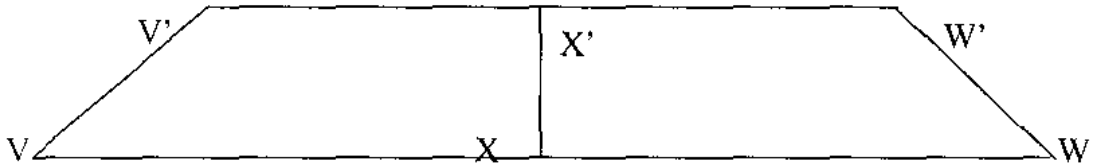
Nada é mais claro de entender que as condutas estejam a mudar, compelidas socialmente e impelidas axiologicamente para a solução de problemas vigentes e afligentes, a qual, porém, só se implementa se não se lhe contrapuserem atitudes. A criança – que

tem mentalidade mágica – pensa em realizar o impossível, entretanto o adulto obviamente se dissuade disso. O infante, o ingênuo, o simplório, o mistificado e o demente, por lhes minguar a instância crítica da atitude mental, incorrem no mais palmar dos erros confundindo realidade e possibilidade, o que acarreta riscos e fracassos. As condições assentes e aceites tendem a manter-se como são até que a crise lhes sobrevenha, a qual só será solucionada depois que o saber arcaico é suplantado pelo conhecimento inovador, importando quase sempre um longo, moroso e árduo interregno entre o velho e o novo que se confrontam.

O axiológico é dúplice, vindo do objeto para o sujeito e indo do sujeito para o objeto, duas estruturas que se justapõem. Por outras palavras, o valor abrange regionalidades do saber e o conceito abrange unidades do conhecimento. "Eu sei" e "eu conheço" são afirmações diametralmente opostas, porque o ser se esmiúça respectivamente sob formas gnosiológicas e ontológicas, quer dizer, na base dos sentidos e da cenestesia e na base do raciocínio e do método. O valor se estima e o conceito se define, havendo correspondentemente o predomínio referencial daquilo que se intelige – o objeto – e daquele que o intelige – o sujeito – presentes os dois na Axiologia. O valor não é o ser. Sim, é um aspecto deste, depreendido da vida – social, pública, privada ou pessoal, captado por via ativa ou afetiva, ao contrário do ser que é captado por via racional. Vai-se das condutas para as atitudes e vice-versa, pois o progresso é a convergência das antinomias evidenciadas em cada gênero de valores contidos em um quadro: os materiais, os orgânicos, os intelectuais, os ludo-estéticos, os morais e os espirituais.

Antes dessa visão estocástica, é preciso conceber o axiológico elementarmente, como contradição dialética representada por dois vetores – objetividade e subjetividade – bases de um trapésio isósceles. A taxionomia valorativa não foge dos mesmos, exigindo contudo qualificá-los consistentemente e chegar à sua substância cognitiva. Trata-se da eticidade e da misticidade, respeitantes ao objeto e ao sujeito (cf. na fig. 1 os lados do trapésio). Os valores – a) materiais, intelectuais, morais; b) orgânicos, ludo-estéticos, espitituais – estão na fig. 2.

Fig. 1 - ETICIDADE E MISTICIDADE



V W W' V' V - Secção superior (trapezoidal isósceceles) da escala de valores.

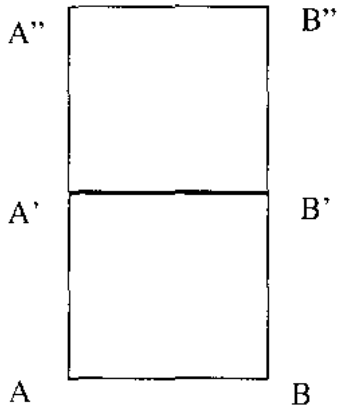
X V V' X' X – Área da eticidade.

X W W' X' X – Área da misticidade.

V V' – Linha de objetividade.

W W' – Linha de subjetividade

Fig. 2 – TAXIONOMIA VALORATIVA



A B – Valores inferiores (materiais e orgânicos)

A' B' – Valores mediais (intelectuais e ludo-estéticos)

A" B" – Valores superiores (morais e espirituais)

A A' A" – Objetividade decrescente

B B' B" – Subjetividade crescente

Não cabe atribuir eticidade aos valores da classe b), nem misticidade aos da classe a). São freqüentes, porém, intromissões recíprocas. Eis por exemplo a franco-maçonaria que proíbe prudente, preventiva e doutrinariamente não se tratar em sessões da instituição de questões religiosas e políticas. Aliás, isto se observa também nas chamadas associações sem fins lucrativos, que assim ampliam o elenco das prescrições valorativas. É que os valores da objetividade não podem ser místicos nem podem os da subjetividade ser éticos.

É nos valores morais onde se imiscui mais a misticidade, que lhes impõe a diversidade semântica em socioeconômicos, políticos, jurídicos e éticos. Historicamente os valores espirituais geram hiperplasias na Axiologia mediante condutas impróprias, que têm obstado o progresso na faixa da objetividade, indigitados os tabus (vg valores materiais), as heresias (vg. valores intelectuais), os pecados (vg. valores morais), e de resto as licenças maltusianas (vg. valores socioeconômicos), os caprichos oficiais (vg. os valores políticos), as normas dogmáticas (vg. os valores jurídicos) e os ícones ludibriosos (vg. os valores éticos). E outro tanto dir-se-ia, mutatis mutandis, da faixa da subjetividade, mas é impertinente e complicador considerá-lo enquanto o tema deste livro é a eticidade nos valores da objetividade. Fique claro, porém, que o saber supõe a eticidade e a misticidade e que o conhecimento as pinça no limite superior da escala – valores morais e espirituais – evitando que as confunda sua contigüidade.

Fazer ou sentir é saber implicando a forma gratuita, espontânea e elementar da consciência, é automatismo psíquico, é pertinência do sujeito, é domínio restrito do indivíduo singular – sem mediação do vetor atitude vs conduta – ou melhor, é valoração. Já pensar é conhecer implicando a forma laboriosa, ponderada e totalizante da consciência, é tenência, é pertinência do objeto, é domínio lato do indivíduo – sem mediação do vetor conduta vs atitude – ou melhor, é determinação. Vislumbram-se então duas classes de juízo – de valor e de existência – uma, a trabalhar o axiológico e a outra, a trabalhar o ontológico, o que não significa contrastar os sensos de um e do outro, repor a

discussão entre empirismo e racionalismo, ou escamotear a contradição dialética entre real e ideal.

Não que o valorar negue o calcular, mensurar ou determinar, porque o valor tenha como suporte o sujeito. Este oferece janelas específicas ao mundo em três estratos: infra-estrutural, medio-estrutural e supra-estrutural. Os valores são dispostos antipodamente por ordem de objetividade descrescente e de subjetividade crescente em pares contíguos e eqüipolentes, desde os infra-estruturais, inferiores ou iniciais (valores materiais e orgânicos), progredindo com os médio-estruturais, mediais ou intercalares (valores intelectuais e ludo-estéticos) e concluindo com os supra-estruturais, superiores ou finais (valores morais e espriríituais). Completa-se neste ponto uma visão didática do que se expõe.

Estrutura-se assim a escala de valores, que se poderia representar pelas duas colunas de uma escada artesanal dividida em três degraus correspondentes aos saltos qualitativos da objetividade e da subjetividade, ou seja, horizontalmente, dos valores materiais aos orgânicos, dos intelectuais aos ludo-estéticos e dos morais aos espirituais, e, verticalmente, na ordem decrescente da objetividade (os valores materiais, intelectuais e morais) e na ordem crescente da subjetividade (os valores orgânicos, ludo-estéticos e espirituais). E finalmente há mudanças pulsáteis de atenuação da subjetividade e assunção da objetividade, adstritas à tendência progressiva da produtividade do trabalho físico e intelectual e do aprimoramento praxiológico nas duas ordens supracitadas, aproximando da atitude mental – que é teórica – a conduta exteriorizada – que é prática – e convertendo o saber em conhecimento.

O tema ilustrativo – produção de leite – toma logicamente os valores no primeiro nível da escala. Por essa esteira, contudo, o juízo de valor descende na ordem da objetividade – dos valores materiais aos intelectuais e destes últimos aos morais – e ascende na ordem da subjetividade – dos valores orgânicos aos ludo-estéticos e destes, aos espirituais – a patentear uma dinâmica imanente. Em cada supedâneo, a escala registra a referida pulsação entre objeto e sujeito, respectivamente valores materiais vs orgânicos, valores intelectuais vs ludo-estéticos, valores morais vs espirituais.

O axiológico se esboça então como sistema aberto, funciona como esquema homeostático, constitui-se como processo perfeccional, adequa-se às condutas e regula-se pelas atitudes. Esse, o princípio de construção da escala de valores.

Quando a valoração procede a uma transmutação de valores, isto é, o trânsito do trabalho manual ao mecânico na corriqueira operação de "tirar leite", prevalece sempre uma atitude que derroga uma conduta, e isso se repete em geral e indefinidamente ao longo dos avanços da tecnologia, organização e indústria. No concreto da mangidura, o salto qualitativo de valores materiais vs orgânicos elege, por exemplo, o paladar; e o salto qualitativo de valores materiais vs intelectuais elege a nutrição. Um valor (vg os materiais) tem relação direta com o limítrofe da objetividade (vg os intelectuais) e o da subjetividade (vg os orgânicos) a indicar que possui a Axiologia feição sinérgica, evolucionária, se não revolucionária.

A carga subjetiva inerente a toda a Axiologia repercute nos valores morais que, embora internalizados na psique, se integram na conduta exteriorizada, dividindo-se e classificando-se por quatro sub-degraus de valoração: dos valores socioeconômicos, dos políticos, dos jurídicos e dos éticos propriamente ditos que ultimam o decréscimo da objetividade.

Essas esferas dizem respeito à regionalização do zoón politikós na vida social, pública, privada e pessoal. Abstenham-se, por impertinentes e genéricas, as outras áreas: do objeto (vg. valores materiais), do saber (vg. valores intelectuais), do sujeito (vg. valores orgânicos), do sensório-motor (vg. valores ludo-estéticos) e do misticismo (vg. valores espirituais). É que se implicam aí processos anímicos de menos relacionamento entre os indivíduos, de menos exercitação, comunicação e reciprocidade entre eles, e de menos pressão do controle social sobre as pessoas coetâneas.

Decrescentes e rematantes na objetividade, os valores morais concentram o interesse máximo da Axiologia e obrigam a crivo científico. Trata-se de compreender esses valores, de identificar-lhes os traços anacrônicos, de propiciar-lhes o aperfeiçoamento, de modificar conscientemente a conduta exteriorizada pelo que subjaz potencialmente na atitude mental. Todavia, não

se pretenda com isso que a Axiologia seja uma técnica e ciência estritas. Ela é filosófica.

A questão dos valores morais é no fundo pedagógica, consistindo em diminuir a diferença que separa a conduta exteriorizada e a atitude mental. O esforço cognoscente que nisso se despenda tenderá para a consecução do saber axiológico. Falsear a fraternidade, cercear a liberdade, demitir a justiça e obstruir a moralidade, em prol de condutas que não condizem com as atitudes, é desconhecer o denominador comum da autenticidade ancestral, é descuidar da fidelidade a si mesmo no que se faz e no que se sente, é sustar a condição prévia da hominilidade cumulativa e dignificante, é bloquear os atributos do gênero humano no indivíduo, é promover contravalores, é perder a perspectiva cultural e civilizatória, é servir alienações e reificações, superfetações e diáteses, voluntarismos e excepcionalidades. É o drama do que se diz "vencido mas não convencido".

O mínimo da objetividade decrescente gera a eticidade e o máximo da subjetividade crescente gera a misticidade. Ambas refluem sobre os valores que as antecedem na escala, aos quais conferem traços peculiares. Eticidade e misticidade coincidiriam no limite onde se minimiza a objetividade e se maximiza a subjetividade. Desse modo, a vicinalidade e paridade entre os valores morais e espirituais fazem-nos convergir em termos finais. Essa é, pois, causa para que se interinfluam, se permutem e até se intrujem a misticidade e a eticidade, ambas então em posições indevidas, a primeira, na objetividade e a segunda, na subjetividade. Eloqüente é o caso de conhecido jogador de futebol que perpetrou um gol com a mão e, sendo criticado, disse que fora a mão de Deus, intrujando um valor espiritual num valor moral. Exemplificam intrujices de valores morais – ou, mais estritamente, políticos – em valores espirituais, no passado ou no presente, os regimes de padroado, de república islâmica, de inquisição, de repressão estatal, de religião oficial etc.

A eticidade – e também a misticidade – é um hiper-valor, sendo implicitude da objetividade decrescente e situação do axiológico nessa fronteira superior da moralidade. A sociedade e

o indivíduo contendem nessas alturas, visando à meta comum da diminuição da diferença entre conduta exteriorizada e atitude mental. Investido na perseguição desse desiderato e sempre fiel à autenticidade ancestral da humanidade na história, o juízo de valor se centra nos dois hiper-valores.

Essa, portanto, a tarefa axiológica: detectar a invasão da seara alheia, particularmente a da objetividade, já que a inversa é relativamente menor, pois os valores da subjetividade estão psiquicamente presentes. A abordagem filosófica dos valores absorve os conflitos e faz a denúncia dos contravalores, incidindo no grupo social ou no indivíduo, dentro da contradição geral, incluída toda a moralidade – valores socioeconômicos, políticos, jurídicos e éticos – onde está o tema específico e didático deste ensaio. É mister que, na ênfase observada, a Axiologia seja saber e conhecimento.

A categoria fundamental a comandar diretamente os valores morais é a eticidade, que entanto concerne – embora menos estreitamente – a toda essa parte da escala. É ela que explica antropologicamente a sobrevivência da humanidade mercê de um complexo psíquico – caráter, socialidade e reflexos guardiães – que a define. Evidentemente são esses atributos que triunfam: barram o entredevoramento, a probabilidade de extinção, a guerra de todos contra todos.

Já foram exaustivamente dissecados, em tratado, os valores socioeconômicos e os jurídicos, pela Sociologia do Conhecimento e a Filosofia do Direito, mas não o foram ainda, os valores políticos e éticos – tão freqüentemente infringidos, conflitados e reprimidos – em que pese às elaborações da Ciência Política e da Ética. Sem prejuízo dos demais, dá-se ênfase neste livro aos citados valores. Apela-se ao lastro de eticidade ínsito aos questionados acima, o qual é como atalaia que adverte e protege. Em quatro trabalhos o assunto se capitula, incluído o discutido exordialmente aqui.

Nesse viés, lembra o dissertador um fato luminoso, ocorrido quando certa feita ia pelo aceiro da roça, precedido de seu cachorro. Eis que, de inopino, dá este um pulo – bote invertido ou negaça instintiva – evitando a pele de um ofídio que no local se despojara da mesma, cumprindo ciclo do seu crescimento biótico.

A cobra era ali um ser virtual, apenas tendo suscitado a reação canina como reflexa, como algo impresso no animal pela evolução da espécie. A esse respeito referencia um belo conto de Jack London, que alude à imagem de uma fogueira primeva na memória de um cão – tirador de trenó nos gelos hiperbóreos do Alaska e carente de aquecimento – o qual era repositório ontogênico de um passado remoto.

O ético tem dessas analogias com o fisiológico, a participar de qualquer maneira nos níveis gnosiológicos. Os valores éticos – intrinsecamente presentes em todos os valores morais – na sua pulsação para com os intelectuais, corrigem excessos da subjetividade frenadores do progresso da Axiolgia, os quais devem ser desestimulados. Sabe-se do predomínio da instituição religiosa desde os tempos mais longínquos e de como ela sacralizou os mais ferozes regimes políticos de obscurantismo, intolerância e tirania. Despontam abundantemente na escala de valores manifestações desse jaez. Semelhante constatação histórica na conduta exteriorizada é resultado crítico da atitude mental, mas tem que revestir-se de aproximação discursiva de cunho axiológico, a qual deve fundar as cogitações sobre eticidade.

Não é uma coonestação de condutas mediante atitudes a escritura de um autor. A básica qualificação de quem escreve está na sua escala de valores e ela não deve consistir em mera tábua de valores – empírica, pessoal, apassivante, condescendente com aquilo que está posto – visto que se impõem novas proposituras éticas sob indispensável argumentação antropológica. O lastro de eticidade dos valores morais deve ser incisivo na pulsão correspondente, retomando o objetivo e dessorvendo o subjetivo em toda a matriz valorativa.

Distingue-se a moralidade da eticidade, que é como aquela quintessência dos alquimistas, sendo o produto purificado dos valores morais. Na área dos valores socioeconômicos e igualmente em qualquer um dos demais congêneres – políticos, jurídicos e éticos – ordenam-se as essências na busca dessa depuração da moralidade. Tome-se a questão na feudalidade ou tábua de valores que se seguiu ao escravagismo. O trabalhador que fora

escravo antes, passou a ser servo da gleba, embora conservada a denominação servo, que é escravo em latim (servus).

Sucedeu o quê? Uma transmutação de valores. Primeiramente, a produção dos latifúndios deixou de dar compensação social e econômica aos patrícios e, sobretudo, aos escravos, que reagiram contra a exploração, de duas maneiras: de início pelas armas e finalmente pela resistência passiva. Os senhores alforriaram então os escravos, que passaram a reter parte da renda agrícola. Politicamente se estabeleceu o chamado colonato romano, que foi um passo para o regime feudal, quando a renda que o colono auferia e negociava livremente, seria monetizada e acumulada pelos comerciantes, banqueiros, neoproprietários agrários, neocolonos e mestres de corporação de ofício.

A tábua de valores do capitalismo então se implantou mediante três liberdades particulares e uma geral: a de comércio com a intensificação da navegação marítima, a de trabalho com a substituição da oficina artezanal pela manufatura concentrada, a de usura com o financiamento ostensivo dos governos regionais contra os potentados da terra – seculares e eclesiásticos – e a de consciência com a demolição do sistema feudal pela franco-maçonaria. Em suma, eram a livre concorrência e o livre pensamento como condutas. A irracionalidade anterior – discriminação, opressão, injustiça e imoralidade – ficou abolida, prevalecendo nova relação de atitude mental vs conduta exteriorizada.

Desfaz-se da eticidade quem não se emancipa dos contravalores, que não são tão-somente imorais, mas negativos, isto é, atentatórios à natureza e à sociedade. A aspiração à liberdade tornou-se a característica ética do trabalho renovado – o físico e o intelectual – onde o que se diferenciaria estava no íntimo do trabalhador: a dignidade. A servidão rural era tão repulsiva quanto a sua contemporânea e eqüivalente urbana: a submissão do artesão à hierarquia e disciplina corporativas num ofício mesteiral. E essas convicções eram mais fortes, quando lembradas as regalias, mordomias e vantagens conferidas antanho a funções indignas, iníquas, impositivas e infamantes, as quais os coevos achavam morais. Ignora a eticidade aquele que não percebe a pecha de certas pro-

fissões do passado e do presente, *verbi gratia* eunuco e gigolô, áulico e marqueteiro, inquisidor e falsário, áugure e mágico, que são agentes e parasitas consentidos da moralidade. Contravalora quem diz: "Esqueçam o que escrevi".

A eticidade alcandora o valor em cujo limite se imprime e se manisfesta a inclinação permanentemente votada a fazê-lo transitar na escala e transcender a si próprio. Ocorre uma seriação de reflexos. O objeto sensível reflete-se nos valores materiais; estes refletem-se, pelo mecanismo da pulsação axiológica, nos valores orgânicos e intelectuais; e analogamente os anteriores e os seguintes refletem-se nos outros valores, gerando uma cadeia de reflexo de reflexo.

O trânsito e transcendência axiológicos supramencionados não devem ser confundidos com transe, que é assunto de outras focalizações. Em rigor, tratar do mesmo aqui é impropriedade, como o é dizer que se tem fé numa ciência que utiliza juízo de existência. A atitude mental entretanto se coaduna com a explicação dos estados dalma – sublimidade, estesia, acese, graça etc. – como condutas exteriorizadas. A objetividade decresce fragilizando-se ante a subjetividade que cresce, de maneira que o transe tomaria o sujeito como objeto. E vem o refluxo por sobre o sujeito dos valores expurgados da conduta exteriorizada pela atitude mental. O esporte sempre sublima a agressividade, um sendo valor, sendo a outra contravalor. Ora, valores morais não são carismas do sujeito, mas propriedades do objeto.

Os valores da eticidade pertencem ao cerne da Axiologia, para além dos ditos valores morais ou da moralidade. A atitude mental faz essa distinção, o que evita adesão a tratamentos conexos para com o transe, entregues também à Caracterologia, à Psicologia, à Sociologia, à Antropologia e à Teologia. Os valores morais, às vezes exacerbada, intensa ou decisivamente, pontificam na conduta exteriorizada que a atitude mental deve monitorar. O máximo dessa tensão está no chamado estado de choque, quando a tábua de valores não comporta mais a recorrência do sujeito para com o objeto. Dá-se uma evasão nos valores da subjetividade e uma invasão nos valores da objetividade. A situação fica

invertida, teratológica, inviável e implosiva, como a representa o estado de psicose coletiva ou de alienação individual. Ocorrem mais alucinações rituais e delírios estupefativos.

O transe não traz consigo eticidade nem a adquire na objetividade, porque o valor moral com o qual se conecta ou para o qual se traslada não a concede. A Axiologia não reconhece eticidade nos valores da subjetividade, porém misticidade, que os valores morais não têm. Cada um tem sua fonte, virtude ou potência, que no objeto é a eticidade e no sujeito é a misticidade.

(Palestra proferida no Instituto do Ceará no dia 20/06/2002).